livraria
UCG

1065
Ana Pinheiro

# O SAGRADO E AS CONSTRUÇÕES DE MUNDO:
## ROTEIRO PARA AS AULAS DE INTRODUÇÃO À TEOLOGIA NA UNIVERSIDADE

Rua 226, Setor Universitario
Biblioteca Central da UCG
Terreo. Fone: (62) 3946-1080
Goiânia, Goias
www.ucg.br/editora

Universidade Católica de Goiás | Universidade Católica de Brasília

Chanceler
Dom Washington Cruz, CP

Chanceler
Ir. Nelso Bordignon

Reitor
Prof. Wolmir Therezio Amado

Reitora
Débora Pinto Niquini

Coordenador Geral da Editora da UCG
Prof. Gil Barreto Ribeiro

Pró-Reitor de Pós-Graduação e Pesquisa
Ivan Rocha Neto

Pró-Reitora de Graduação
Josephina Desounet Baiocchi

Pró-Reitor de Extensão
José Romualdo Degasperi

Pró-Reitor de Administração
Fernando Martins Aguiar

Conselho Editorial
Presidente
Prof. José Nicolau Heck
Prof. Athos Magno Costa e Silva (SER)
Profª. Danya Ribeiro Moreira (FONO)
Prof. Eduardo José Reinato (HGSR)
Prof. Eduardo S. de Albuquerque (CMP)
Prof. Gustavo Neiva Coelho (ARQ)
Prof. Lorismário Ernesto Simonassi (PSI)
Profª. Máira Barberi (BIO)
Profª. Marília G. de Miranda (EDU)

Diretora do Sistema de Bibliotecas
Maria Carmen Romcy de Carvalho

Coordenadora da Editora Universa
Angela Clara Dutra Santos

Lorenzo Lago
Haroldo Reimer
Valmor da Silva
Organizadores

# O SAGRADO E AS CONSTRUÇÕES DE MUNDO:
## ROTEIRO PARA AS AULAS DE INTRODUÇÃO À TEOLOGIA NA UNIVERSIDADE

EDITORA universa

GOIÂNIA, GO
2007

Editora da UCG

© 2007 *by* Universidade Católica de Goiás

Cadernos de Área, 20
3ª reimpressão 2007

Editora da UCG
Rua Colônia, Qd. 240-C, Lt. 26-29. Chácara C2, Jardim Novo Mundo
CEP 74713-200 – Goiânia – Goiás – Brasil
Secretaria e Fax (62) 39461814 – Livraria (62) 39461080
*E-mail*: editora@ucg.br – *Home page*: www.ucg.br

Editora Universa / Universidade Católica de Brasília (UCB)
EPCT QS 07, Lote 1 – Águas Claras
71966-700 – Taguatinga – DF
Tel: (61) 3569157 – 3569095 Fax: (61) 3563010
*E-mail*: universa@ucb.br – *Home page*: www.ucb.br

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou qualquer meio, sem autorização expressa dos autores (Lei n. 5.988, de 1973).

Comissão Técnica

| | |
|---|---|
| Karla Silvia de Castro | Iêda Gonçalves de Aguiar |
| Mary Teresinha da Silva | Editoração Eletrônica |
| Preparação de Originais e Revisão | Carla Ferreira |
| | Arte-Final de Capa |
| Biblioteca Central da UCG | Laerte Araújo Pereira |
| Normalização | Produção de Arte Gráfica e Capa |

S129 O sagrado e as construções de mundo: roteiro para as aulas de introdução à teologia na Universidade / Lorenzo Lago, Haroldo Reimer, Valmor da Silva. (Orgs.). – Goiânia : Ed. da UCG; Brasília: Editora Universa, 2004.
286, p. : – (Cadernos de Área; 20).

ISBN: 85-7103-235-1 (Editora da UCG)

ISBN: 85-8459-178-5 (Editora Universa)

1. Teologia e ciência. 2. Teologia e educação. 3. Teologia e vida. 4. Religião. 5. Ser humano. I. Lago, Lorenzo (Org.). II. Reimer, Haroldo (Org.). III. Silva, Valmor da (Org.). IV. Título. V. Série.

CDU 2.
2:37.85

Impresso no Brasil
*Printed in Brazil*
2007

# SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 9

**PARTE I**
**FENÔMENO RELIGIOSO, RELIGIÃO E TEOLOGIA**

FÉ, TEOLOGIA E CIÊNCIA NO ESPAÇO ACADÊMICO
Gil Barreto Ribeiro 13

A DIFERENÇA SINGULAR DOS SERES
Djalma Barreto Neves 29

A EXPERIÊNCIA DO SAGRADO
João Oliveira Souza 45

# CONCEITOS E INTERPRETAÇÕES DA RELIGIÃO

Luigi Schiavo*

## Clareando Conceitos

### A pessoa humana como ser capaz de se transcender

Contam uma história de que um camponês encontrou na floresta um filhote de águia e o colocou no galinheiro, criando-o junto com suas galinhas. Um naturalista, passando por lá, viu a águia no meio das galinhas, convidou o homem a soltá-la, pois a águia – dizia – era destinada a traçar seus vôos nos altos céus. "Ela não é mais uma águia: transformou-se em galinha", respondeu o camponês! Mesmo assim, tentaram soltá-la, mas a águia sempre voltava para o galinheiro, onde fora criada. Até um dia ela levantar sua cabeça deixando o sol encher seus olhos com a claridade de sua luz e

* Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. Professor e Coordenador do Curso de Teologia da Universidade Católica de Goiás (UCG). Professor no Mestrado em Ciências da Religião da UCG.

da vastidão de seus horizontes. A águia deu um pulo, abriu suas potentes asas e desapareceu nas alturas azuis do céu (BOFF, 1997, p. 30-34).

Esta história é uma metáfora da condição humana. A pessoa humana, igual à águia, diferencia-se dos animais por sua capacidade de olhar para longe, para cima, para além. Os animais, como as galinhas, têm sentimentos, vivem; suas vidas se desenrolam na busca de satisfação das necessidades básicas e dos instintos primários, não enxergam as profundidade do céu, pois o 'galinheiro' é seu mundo, um mundo pequeno, mas suficiente, pois ali encontram o que precisam para viver. Para nós humanos, isso não basta! Com nossa inteligência e imaginação podemos voar longe, sonhar um mundo fantástico, visitar outros lugares, criar situações, mergulhar na vastidão da imaginação. É a capacidade de 'transcender-nos'. Os filmes, por exemplo, são terrenos privilegiados da criatividade e da fantasia humanas, tanto é que saindo de uma sala de cinema tem-se a sensação de se ter vivido uma experiência fantástica que provoca um pequeno choque com a realidade cotidiana. O mesmo podemos afirmar da televisão, das história em quadrinho, dos mitos etc.

A experiência da transcendência gera em nós os mais diferentes sentimentos: alegria, medo, riso, choro, afeto, entre outros. É uma experiência verdadeira que envolve o nosso ser profundamente e nela podemos projetar nossa vida, imaginar situações, encontrar pessoas, reviver experiências. O que não pode acontecer, porém, é confundir este mundo da imaginação com a realidade: trata-se de duas dimensões que nos caracterizam e pertencem: uma precisa e alimenta a outra, não sendo possível só ficar na fantasia, como não se pode viver sem sonhos.



A transcendência é a capacidade, típica do ser humano, de sair para fora de si, do seu corpo, de sua situação humana, através da reflexão, do pensamento, do sonho, da imaginação.

## Da experiência da transcendência ao transcendente

A magnitude desta experiência choca com os limites concretos de nossa humanidade, sobretudo com a finitude do nosso corpo. Se a mente nos faz viajar, o corpo nos prende, sujeitando-nos aos limites de espaço e de tempo e à materialidade. Os antigos filósofos gregos chegaram a considerar o corpo como a prisão do espírito. Para Platão (427-347 a.C.) a verdade está no mundo das idéias, ao passo que a materialidade é pura ilusão por estar marcada pela precariedade e pela transitoriedade. No Mito da Caverna, ele afirma que a realidade histórica, os fenômenos históricos, naturais e humanos são comparáveis às sombras projetadas na parede da caverna, mas o eternamente verdadeiro são as idéias que estão fora da caverna, porque elas são imutáveis e eternas. Assim, a divisão dualista da realidade em matéria e espírito, enfatizando o espiritual acima do físico e do material, que dos gregos chegou até nós.

Por trás de tais afirmações há a experiência, quase sempre traumática, da finitude de nossa vida, da doença, do mal, da morte. Se, de um lado, o nosso espírito pela mente e pelo pensamento projeta-nos no mundo transcendente e do infinito, do outro, o nosso corpo nos limita, condiciona e amarra. É como um navio pronto para enfrentar a imensidão do oceano, mas cuja âncora está

engastalhada no fundo pedregoso do mar, impedindo-o de sair de seu lugar. Dessa experiência geram-se as grande perguntas do ser humano: por que a doença, o sofrimento, o mal, a morte? e, quem na realidade sou, de onde venho e para onde vou? As respostas a tais questões são importantes, pois aqui encontra-se o sentido de nossas vidas.

Nesta busca de respostas e de sentido, o ser humano fazendo uso de sua capacidade de transcender-se, se abre ao 'Transcendente', como ser superior, imortal, divino, que está no início e no fim de tudo. Na história da humanidade, a crença num ser transcendente, criador e mantenedor da ordem cósmica é atestada nos mitos de origem em praticamente todas as religiões. Ele pode ser definido como o Bem, a Ordem, a Providência divina, a Perfeição, a Vida, a Causa Primeira, Deus etc. A idéia fundamental, porém, é a mesma: trata-se do princípio infinito que está na origem da vida do universo, de sua conservação e ordem, para o qual tudo está orientado no futuro. Pela filosofia tal conceito é definido como "causa não causada" (Tomás de Aquino), ao passo que para a teologia é um ser transcendente: Deus.

O Transcendente, pelo fato de ele ser infinito, perfeito e imutável, de uma certa forma 'ampara' a condição humana quedele provém, dando-lhe sustentação, proteção e garantido-lhe seu destino final. A humanidade olha para o Transcendente/Deus como para seu ser gerador, o criador, seu pai/mãe, e não se sente mais sozinha ou abandonada a seu destino. Alguém poderia perguntar: mas se Deus é perfeito, por que ele não criou seres perfeitos como Ele em vez de deixar a marca da finitude em nós? A mesma filosofia responde a este questionamento, quando afirma que um ser perfeito não pode criar outro ser perfeito, porque estaria criando a si mesmo.





A experiência religiosa institucionalizada é chamada de religião. A palavra religião vem do termo latim *re-ligar*, que designa o ato de juntar, unir. A religião, de um lado, une a terra ao céu; do outro, ela se caracteriza como uma estrutura simbólica que busca dar um sentido unitário e global (o ato de juntar) à existência humana. Ela se estrutura acima de fundamentos sólidos e duradouros como a organização religiosa, jurídica, social, econômica, litúrgica etc.

Tal necessidade se faz imprescindível no desaparecimento dos fundadores da religião. A sucessão vai garantir a continuidade, por meio da formação de um grupo sacerdotal, verdadeiros 'especialistas do sagrado', que tem entre suas atribuições fundamentais transformar o mito em doutrina e zelar dela. A doutrina é orgânica, racional e direcionada para a realidade, ao passo que o mito, por seu caráter 'polissêmico' (multiplicidade de significados), está aberto a várias e diferentes interpretações. Os sacerdotes são também os guardiões da correta interpretação e aplicação da tradição que a doutrina gera. Livros sagrados vão se formando, reagrupando os mitos fundantes, a reflexão sobre a divindade (teologia) e a doutrina. A estruturação religiosa envolve também os ritos como conjunto de ações sagradas que proporcionam o contato com a divindade. O espaço sagrado (do latim *sacer*, divino, sagrado) é delimitado do profano (de *pro-fanum*, para além ou fora do consagrado); são definidos os objetos e utensílios sagrados, os momentos fortes (festas e calendário litúrgico) que determinam o tempo sagrado. Padroniza-se o caminho de se relacionar com Deus e as conseqüências morais que isso significa: aqui está a identidade específica da religião.

A religião é, portanto, o resultado de três elementos básicos: um corpo doutrinal sólido, um conjunto de ritos e um grupo sacerdotal responsável pela tradição, interpretação e pelo correto 'funcionamento' da estrutura.

## Tipos de organizações religiosas

Há vários tipos de organizações religiosas:

- O misticismo se caracteriza por uma religiosidade de tipo individual e íntimo no contexto de grupos pequenos, ainda não bem-estruturados institucionalmente. Representam uma forma alternativa (e às vezes de protesto) de viver a experiência religiosa, diante da redução formalista nos ritos, do racionalismo doutrinário e da burocracia da organização eclesial típicas das instituições religiosas tradicionais.
- As seitas são grupos maiores, com forte relação a um líder carismático espiritual. Colocam-se em oposição às instituições religiosas e civis tradicionais que consideram corruptas e desmoralizadas. As seitas consideram-se depositárias da verdadeira revelação e, por conseqüência, acreditam ser o povo eleito, escolhido, perfeito. Isolam-se da sociedade e do mundo, considerados maus, na expectativa da chegada iminente do Reino de Deus. Buscam a perfeição ética por intermédio da interpretação literal dos textos sagrados e da obediência radical ao líder carismático. Por isso, assumem atitudes fanáticas, intransigentes, de desprezo aos outros, e, às vezes, até de hostilidade. Apresentam fortes elementos de identidade coletiva (mesmo modo de vestir, comer, agir, viver etc), e uma agressiva ação missionária.



- As Igrejas são estruturas que buscam uma abrangência universal e se identificam com a sociedade, adotando estruturas organizativas similares. Caracterizam-se por uma forte organização hierárquica interna e uma sólida doutrina legitimada por uma tradição própria. Elas têm atitudes de tolerância para com as pessoas e também com as estruturas sociais que buscam melhorar sem as rejeitar totalmente. Em vários casos, a identificação com a sociedade traz o perigo do envolvimento com o poder vigente, no sentido de as igrejas legitimarem formas e grupos políticos específicos. Pela enorme abrangência, elas também vivem a tentação da massificação das relações, religiosas e sociais, do formalismo ritualístico e da burocratização da organização.

## A teologia

Toda religião desenvolve sua reflexão teológica. A teologia (literalmente, discurso, palavra sobre Deus) é a reflexão sobre o mistério de Deus, partindo do pressuposto básico da fé. A teologia pressupõe a experiência religiosa e a fé. Essencialmente ela é, portanto, linguagem, no sentido que busca comunicar, de forma reflexiva e articulada, o que o sentimento e a fé perceberam. No mundo grego onde surgiu (Platão), a teologia indicava os mitos e as histórias dos deuses. Com a chegada do cristianismo, ela passou a designar o conhecimento de Deus que se torna claro com a fé, ou o conhecimento espiritual e místico de Deus. A partir do século XIII, a Teologia evoluiu bastante, sendo encarada cientificamente como a ciência da fé.

O objeto específico de estudo da Teologia é Deus. Ela procura compreender o mistério divino que, sendo inatingí-

vel aos olhos da razão humana, só pode ser enxergado de longe, pela fé. Ora, a fé também é, por sua vez, mediada pela Palavra divina, revelada e transmitida pela tradição de uma comunidade de fé. A fé, então, se entende num dúplice movimento: do alto é revelação de Deus; de baixo, é anseio do homem que busca a Deus. A teologia se baseia na revelação de Deus que pode ser natural (na criação), ou sobrenatural (história sagrada, tradição oral e escrita, profetas, Jesus etc). Tal revelação, acolhida pela fé, é mediada pela razão, na tentativa de criar um discurso racional e lógico sobre Deus. É desse modo que nasce a Teologia.

A Teologia pretende ser um discurso plausível, mesmo que, nem sempre, sua relação com a ciência foi pacífica. O conflito se deu sobre o método de afirmar a verdade: para a ciência, a verdade é o ponto final de um procedimento metodológico; para a Teologia, a verdade nos precede e transcende, podendo ter acesso a ela somente por revelação e pela fé.

## Interpretando a Religião

A religião defende sua origem sobrenatural e tem a pretensão de ser verdadeira por se considerar 'revelada' ou fruto de uma 'iluminação'. Essa interpretação é a que mais afirmou-se ao longo da história, e se alicerça na crença em um ser superior, Deus, que quer se revelar aos homens. O enfoque é no sujeito divino (Deus) que com sua revelação gera a fé no crente. A origem divina da religião faz com que sua verdade seja absoluta, intocável, inquestionável e dogmática, mas, ao longo da história da humanidade, surgiram outras interpretações da religião.



## Explicação racionalista e materialista: a religião como ilusão dos sentidos e da imaginação

A experiência religiosa, quando lida pelo enfoque da razão, torna-se objeto de estudo e investigação das várias ciências humanas, como a Antropologia, a Sociologia, a Historiografia, a Psicologia etc. Foi, sobretudo, a partir do século XVI que se começou a interpretar a religião partindo do esquema racional. As novas descobertas científicas questionaram a pretensão da verdade da religião e sua interpretação dos mitos bíblicos: a Teoria do Sistema Solar de Galileu Galilei (1564-1642), a Teoria da Evolução das Espécies de Darwin (1809-1882), e as Teorias de antropólogos como Taylor (Teoria do Animismo: a alma e o espírito como origem da crença nos deuses *versus* o corpo inanimado, 1871), e Frazer (Teoria do Processo Evolutivo que tem seu início na magia, passa pela religião, para chegar à ciência, por ele considerada o estágio mais elevado do conhecimento). Ao lado disso, a filosofia positivista, que teve em Hume (1711-1776) uma de suas maiores expressões, defendeu a definição da verdade pelo método da experimentação científica, considerando a afirmação religiosa falsa, pelo fato de não poder ser comprovada, nem refutada, por nenhuma forma de observação.

Com essas afirmações, e claramente influenciada por elas, surge a tendência de considerar a religião não mais de origem divina, mas fruto das projeções da mente humana. O filósofo Nietzsche (1844-1900) proclamou a "morte de Deus", já para Feuerbach a religião é a projeção da nossa humanidade, em forma pura, mas revestida

dos valores humanos de amor, poder, sabedoria. Trata-se do nosso sonho, de um espelho em que projetamos nossa verdadeira natureza. Para ele, a idéia de Deus é um sinal de fraqueza.

Tais idéias influenciaram outro filósofo, cujas contribuições marcaram a história moderna: Karl Marx. Ele tomou como base o pressuposto das condições sociais de vida dos operários do século XIX para afirmar que a religião surge da necessidade de um mundo melhor, de esperança, sonho, diante da dura realidade da vida, um consolo e uma compensação das provações na terra. Nas suas palavras, "a religião é o suspiro da criatura oprimida, o coração de um mundo sem coração, assim como o alento de uma situação desalentada. É o ópio do povo". O destino da religião é desaparecer logo que a vida na terra se tornar melhor. A religião é, portanto, sintoma de uma sociedade doente que oferece uma felicidade ilusória. Dessa forma, ela serve aos interesses da classe dominante, legitimando seu poder, *status* social e privilégios, contra a mudança social e a justiça.

Seguindo a linha de reflexão de Marx, também Sigmund Freud (1856-1939), fundador da psicanálise, considera a religião como uma projeção dos desejos humanos. Para ele, a religião está relacionada ao inconsciente: os deuses e os mitos substituem, simbolicamente, as representações das relações do nosso ego com nossos parentes e autoridades na idade infantil, nos sentimentos que as caracterizaram: medo, castigo, amor etc. A relação com o divino e os deuses reflete, portanto, uma regressão a um estado de segurança típico da infância ou da fase uterina, proporcionando bem-estar e tranqüilidade à pessoas. A religião, não deixa, na opinião de Freud, de ser um processo



psicológico, que partindo de obsessões reprimidas, por meio dos símbolos religiosos, procura soluções ilusórias.

## Explicação sociológica

Para o sociólogo Emile Durkheim (1855-1917) a religião deve ser interpretada e lida de acordo com o conceito mais amplo de 'sociedade': religião é um sistema de crenças e comportamentos que representam os valores e os ideais sociais. A sociedade é um sistema de significados e de símbolos anteriores ao indivíduo, uma visão do mundo por ele assumida ao nascer e na qual se insere. Ela cria papéis, comportamentos, valores: é como uma roupagem que o indivíduo veste para assumir sua pertença a determinado grupo e sua identidade específica. A sociedade é um super organismo com vida e atuação próprias. Ela é quem cria a religião, os símbolos sagrados, como o *Totem*, verdadeiras concentrações da identidade coletiva. É a sociedade quem atribui valor sagrado a objetos, coisas, pessoas, tradições etc, realizando uma comunhão moral entre os que neles acreditam. No esquema interpretativo de Durkheim, a sociedade substitui Deus, legitimando ou punindo, elevando ou destruindo, sendo fonte de poder e exigindo sacrifícios e subordinação. Na relação com o sagrado, portanto, representam-se e espelham-se as relações sociais.

O sociólogo alemão Max Weber (1864-1920) aprofundou a reflexão de Durkheim, estudando a relação entre a religião e os valores sociais. Para ele, a religião absorve e reflete os valores e a visão do mundo dos vários grupos sociais. Ele afirma que certos conceitos religiosos e crenças, como os conceitos de salvação, pecado, humildade etc, adaptam-se

melhor a determinadas classes sociais, dependendo de sua situação econômica e social. Nas sociedades tribais, os símbolos religiosos refletem a dependência econômica da vida animal e vegetal, ao passo que nas sociedades mais evoluídas, como as monarquias tradicionais, já bem estruturadas, a religião fundamenta-se numa hierarquia sacerdotal específica, muitas vezes paralela à hierarquia política; constroem-se espaços separados e sagrados (templos), diferentes dos espaços públicos; organiza-se o culto aos deuses com sacrifícios, orações, festividades, mitos etc. Nas sociedades maiores, ao contrário, a religião é vivenciada em sub-grupos religiosos no panorama maior da cultura dominante, propiciando uma forte experiência ideológica e de identificação social com o grupo de pertença.

Na sociedade, a religião pode também se apoiar à ordem social vigente, através da legitimação do poder, na tentativa de se institucionalizar; como também, funcionar como elementos de subversão e inovação, quando expressão de grupos marginais, insatisfeitos com os valores e a sociedade vigente.

## A religião como objeto da ciência

Outro esquema interpretativo parte do pressuposto de que a religião é uma forma universal de cultura e que para ser entendida deve ser comparada. A religião torna-se objeto de estudo da ciência que procura levantar padrões comuns e variedades transculturais entre as diferentes religiões. Tal mudança de paradigma, originou-se no século XIX pelo contato e conhecimento profundo das religiões asiáticas. O pai da "ciência da religião", Mircea Eliade (1907-1986), levantou a questão do contexto histórico no qual cada religião se expressa: por ser humana, ela tem a ver com o social, com a lingüística, a economia. A religião, não só é expressão da sociedade, como também reformula a sociedade: define comportamentos, mundos, concepções de histórias, tempo, espaço, cosmologia, natureza etc; legitima o poder, tornando-o plausível. Tem sua própria linguagem, fazendo uso, em suas expressões, do mito, do símbolo e do ritual. Por meio dessas categorias, ela interpreta o real, oferece sua própria cosmovisão e dá significado e valor a ações e objetos. Trata-se de uma linguagem simbólica que, em suas imagens míticas, liga o sujeito a uma ordem moral superior que orienta sua vida. A religião, neste esquema, é como uma lente que, pela linguagem mítico-simbólica, regula as vidas de acordo com seus modelos, considerados sagrados. Elemento típico da religião é o ritual, cuja função é apresentar o conteúdo das verdades religiosas ou míticas, mas é ao redor do sagrado que a religião gira, como valor atribuído a coisas, objetos, pessoas, e como poder superior, divino, misterioso que as pessoas podem experiênciar.

O estudo comparativo considera a religião como uma experiência significativa da pessoa humana, um sistema simbólico, um fenômeno que pode ser vivenciado de forma diferente pelas pessoas. É o 'como' se dá tal experiência, que caracteriza as variadas experiências religiosas, o objeto da ciência da religião. O método comparativo é neutro em relação às verdades religiosas. Relacionar os vários elementos deste fenômeno, em suas similaridades e diferenças, padrões e inovações, possibilita criar tipologias adequadas de religião, na busca de classificação.

Mircea Eliade, destaca, entre as várias possibilidades, três importantes agrupamentos de tradições religiosas: as de

origem bíblicas (judaísmo, cristianismo, islamismo), as de origem indiana (hinduismo e budismo), e as do leste asiático (confucionismo e taoísmo).

A relevância do estudo da religião pela ciência fez com que, nos últimos anos, surgisse a Ciência da Religião, com seu método próprio de análise e pesquisa, reconhecido e aceito pelas demais ciências. Sua consagração se deu com a elevação a disciplina autônoma (Ciência da Religião) nas grades curriculares dos Cursos Superiores e com a criação de Cursos de Graduação, Pós-Graduações, Mestrados e Doutorados em Ciência da Religião, legalmente reconhecidos pelo MEC.

## A religião como expressão cultural

A cultura é como 'uma lente' que possibilita determinada visão do mundo. Ela é um conjunto estruturado de comportamentos, tradições, explicações, normas, mitos e ritos típicos de um grupo social; possibilita um estilo de vida próprio e uma identidade. Toda cultura é entendida como 'sistema simbólico', que dá significados às coisas, aos objetos, às ações que passam, portanto, a ter aquele significado. Por exemplo, para nós, a cor preta, significa luto, mal, trevas etc, mas em outra cultura pode significar outras coisas. A religião faz parte da cultura de um povo porque ela é a tentativa de buscar significados e respostas às perguntas profundas. A religião é um sistema simbólico estruturado, porque sua linguagem, ao falar de Deus, é simbólica. Assim, por exemplo, no cristianismo o pão eucarístico torna-se o corpo de Cristo, a água é símbolo de vida, o fogo de purificação, a luz de Deus etc. A religião, pelo importante papel na cultura, também influencia e determina comportamentos, define o



que é reto ou errado, o normal e o anormal, o justo e o injusto etc. Desse modo, ela colabora para a construção daquele estilo de vida próprio de um povo e de sua identidade específica, que chamamos de cultura. Além disso, a religião influencia a produção artística em todos os níveis, por ter em comum com a arte a mesma linguagem: a simbólica.

Tendo sua própria visão de mundo e de sociedade a religião exerce um forte papel na política, legitimando poderes e grupos, o conformismo e a alienação, ou funcionando como elemento de renovação, revolução ou libertação. Isso porque, por sua própria utopia, ela cumpre funções sociais e fornece justificativas ao existir, garantindo hegemonia à classe dominante ou auxiliando a autonomia das classes subalternas.

A religião precisa da cultura para se encarnar na história da humanidade; necessita de uma linguagem específica; é influenciada pela história e pela situação social das pessoas às quais ela se dirige. Nesse sentido, segundo o levantamento de Max Weber, a cultura e a história do grupo social determinam uma maior ou menor ênfase em determinados aspectos religiosos. A religião não é patrimônio exclusivo das igrejas. É fruto da história dos povos e a eles pertence como um dos elementos mais significativo e importante de suas culturas; porque ela, antes de ser a estruturação de certa experiência religiosa é, e representa, o anseio humano de se transcender e de se encontrar com aquele Ser, no qual a humanidade encontra as respostas às suas perguntas profundas.

**Sugestões de Atividades**

1) Ler e aprofundar o livro de Paden (1992): *Interpretando o sagrado...*

2) Levantar experiências religiosas que funcionaram como legitimação do poder hegemônico ou como apelo à transformação social e política.
3) Reconstruir o caminho de estruturação da tradição religiosa à qual pertence: mitos originários, ritos, o fundador, os primeiros seguidores etc.
4) Comentar a matriz religiosa de nossa sociedade (festas, calendário, comportamentos, normas, organização etc.).

Referências


ALVES, Rubem. *O que é religião*. São Paulo: Loyola, 2000.

BOFF, Leonardo. *A águia e a galinha*. Petrópolis: Vozes, 1997.

CROATTO, José Severino. *As linguagens da experiência religiosa*: uma introdução à fenomenologia da religião. Tradução de Carlos M. Vásquez Gutierrez. São Paulo: Paulinas, 2001.

ELIADE, Mircea. *Imagens e símbolos*. Ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso. São Paulo: M. Fontes, 1996.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*: a essência das religiões. São Paulo: M. Fontes, 1992.

OTTO, Rudolf. *O sagrado*. São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1985.

PADEN, William E. *Interpretando o Sagrado*. Modos de conceber a religião. São Paulo: Paulinas, 1992.


# ELEMENTOS E ESTRUTURA DO FENÔMENO RELIGIOSO


Haroldo Reimer*


O estudioso da religião Rudolf Otto (1985) afirma que o sagrado é um elemento de uma qualidade absolutamente especial que se coloca fora de tudo aquilo que chamamos de racional constituindo assim algo inefável. Este 'algo inefável' também é chamado pelo termo latino *numen*, isto é, a força divina manifestada na ação pessoal de uma ou de outra divindade. Estamos, assim, diante do transcendente, do divino, do sagrado, que se manifesta. Assim, falamos de hierofanias ou teofanias, ou seja, manifestações do divino em meio ao mundo profano.

Este poder divino ou transcendente manifesto e percebido pode receber os nomes mais variados: Yahveh, Allá, Brahma, Jesus, Tupã etc. O nome depende da respectiva tradição religiosa em que sua manifestação foi percebida, apreendida, comunicada, celebrada e ritualizada. Não se tra-


* Doutor em Teologia pela Escola Superior de Teologia Bethel – Alemanha. Professor no Departamento de Filosofia e Teologia e no Mestrado em Ciências da Religião da Universidade Católica de Goiás. Teólogo luterano.

ta de afirmar necessariamente que todas as manifestações do sagrado remetam para a mesma fonte, mas sim que o mesmo fenômeno do sagrado ou do numinoso se manifesta e toma forma distinta nas mais diversas culturas. Pode-se, assim, dizer que o sagrado faz caminhos distintos entre as pessoas e culturas; diversos são, pois, os caminhos do sagrado em meio à história humana.

Otto (1985), na sua análise, diferencia quatro momentos marcantes do sagrado ou numinoso. Em primeiro lugar, manifesta-se nas pessoas a consciência de ser criatura e de estar na dependência de um poder que transcende as suas próprias forças humanas; em segundo, o ser humano manifesta uma atitude de respeito em relação ao sagrado ou divino. Já no terceiro momento, o sagrado apresenta-se como 'inteiramente Outro', que tal autor chama de *mysterium*, um elemento central de todas as liturgias. Por último, o mistério se impõe como *tremendum et fascinans*, isto é, como elemento tremendo que impõe respeito nos seres humanos (elemento terrorífico) e como elemento fascinante, atraente e gerador de felicidade nas pessoas (CROATTO, 2001, p. 52-3).

Este *mysterium tremendum et fascinans* (mistério tremendo e fascinante) é percebido e faz seus diversos e distintos caminhos entre pessoas, povos, culturas e religiões, nos mais diversos espaços e tempos. Nisso, o ser humano tem um comportamento especial e profundo, manifestando-se como um *homo religiosus,* como ser humano aberto para a dimensão do religioso. O fenomenólogo da religião romeno Mircea Eliade (1995, p. 17) afirma que

> *qualquer que seja o contexto no qual esteja imerso, o 'homo religiosus' acredita sempre que exista uma realidade absoluta, o sagrado, que transcende este mundo, mas que se manifesta nele, e, por isso, santifica-o e o faz real.*



As mais diferentes manifestações são experiências do *homo religiosus* e, partindo deste núcleo histórico, a experiência recebe uma forma comunicativa, ou seja, a experiência de perceber o transcendente ou o divino necessita ser comunicada aos outros. Assim, trata-se de um processo de simbolização, em que elementos e objetos normais ou profanos deste mundo fenomênico são transsignificados como mediações significativas e expressivas da experiência e da relação com o 'inteiramente Outro'. Pela diversidade cultural e linguística, as experiências do sagrado vão formando caminhos do sagrado em meio à história e ao mundo entendido como profano. Importante é perceber que este sagrado que se revela camufla-se em meio ao profano.

O estudo destas manifestações ou destes 'caminhos do sagrado' tem sido objeto de pesquisa e investigação de ciências específicas como a história das religiões, a sociologia da religião, a psicologia da religião, a filosofia da religião, a teologia e, sobretudo, a fenomenologia da religião. Estas são ciências ou enfoques de análise diversas em seus olhares, mas agrupadas no mesmo interesse e objetivo de promover uma análise crítica e profunda do 'fenômeno religioso' como ele se manifesta nos mais diversos espaços e tempos. O primordial nesta pesquisa não é a leitura que o estudioso faz dos fatos religiosos, mas a própria experiência do *homo religiosus* que teve alguma relação com o sagrado. Neste ponto se encontra a fonte de todas as religiões.

A experiência do *homo religiosus* com o sagrado se expressa em distintas linguagens. O nível elementar da linguagem da experiência religiosa são os símbolos. Outras linguagens são os mitos, os ritos, as doutrinas religiosas com seus dogmas e suas hierarquias. Faz parte também da linguagem religiosa a busca por autonomia do seu grupo religioso

ou a busca por um encontro dialogal entre os diferentes. O importante é perceber que estes gêneros de linguagem são frutos da experiência religiosa; são elementos de comunicação derivados da(s) experiência(s) religiosa(s) apresentadas 'com os olhos da fé'. Por meio dessas formas, busca-se atribuir sentido à vida humana.

A seguir, faremos alguns destaques de cada uma dessas formas de linguagem religiosa, iniciando pelo símbolo.

## Símbolo

O ser humano é um ser fundamentalmente simbólico, construímos símbolos o tempo todo. A linguagem é a forma por excelência dessa dimensão simbolizadora dos humanos. No campo da religião, o símbolo é o nível mais imediato e elementar da comunicação da experiência religiosa.

Etimologicamente, o termo símbolo provém da língua grega e refere-se à união de duas coisas. Afirma-se que entre os gregos ao fazer-se um contrato, escrito em pedaço de cerâmica, era costume que este fosse quebrado em duas partes e cada contratante levava uma. Qualquer reclamação posterior referente ao contrato deveria ser legitimada pela reconstrução da cerâmica quebrada, ou seja pela junção das duas partes que deveriam coincidir. Assim, a unidade das duas coisas estaria resguardada.

No símbolo sempre existem duas coisas separadas, mas que se complementam. Na verdade, uma parte remete à outra. Há, assim, sempre uma duplicidade de sentido, ou melhor, uma multiplicidade de sentidos. Coisas concretas de nosso mundo fenomênico são (ou podem ser) transformadas ou constituídas em símbolos, mas o segun-



do sentido sempre é uma transsignificação em relação ao objeto natural.

Na Bíblia, por exemplo, conta-se a história de que Jacó, um dos patriarcas do povo hebreu, enquanto fugia de seu irmão Esaú, pernoitou em certo lugar desértico (Gn 28,10-22). Ajeitou uma pedra como travesseiro, dormiu e sonhou. Em seu sonho viu uma escada, cujo topo subia aos céus e os anjos de Deus subiam e desciam por ela e perto dela estava Deus que lhe falava. Na manhã seguinte, tendo despertado, Jacó reconheceu que este era um lugar onde Deus estava e afirmou que este é um 'lugar temível', porque é a 'casa de Deus e a porta dos céus'.

Em seguida tomou a pedra que lhe servira de travesseiro e a erigiu em coluna e no seu topo derramou azeite e fez um voto, prometendo dar o dízimo a este Deus neste lugar. Com este gesto, Jacó atribuiu um sentido especial a esta pedra e a este lugar. A pedra constituída em símbolo é expressão da experiência que Jacó como *homo religiosus* teve com o Transcendente, tornando-se para ele uma pedra sagrada. Nem toda pedra, porém, é sagrada. A mesma pedra, que permanece pedra pode não ter um ou este segundo sentido para outra pessoa, ou outra pessoa pode atribuir-lhe um sentido diferente. Qualquer elemento natural pode ser constituído em símbolo. O símbolo é, pois, uma linguagem religiosa primária; afirma-se que seja uma linguagem pré-hermenêutica, pois símbolo não pode ser objetivado em palavras. O símbolo dá em transparência para uma outra realidade transcendente valendo-se da experiência religiosa de alguma pessoa. Pessoas diversas que se relacionam com este elemento podem atribuir sentidos diversos, inaugurando, assim, a polissemia (sentidos múltiplos) do símbolo.

Determinados elementos podem ser convertidos em símbolos similares, em culturas diferentes, separados no tempo e no espaço, ao passo que outros podem ser expressões particulares de determinada cultura. A cruz, por exemplo, é um símbolo próprio ou particular da cultura religiosa cristã. A água costuma ser constituída de símbolo em culturas diversas; neste caso, fala-se da universalidade do símbolo, mas nem sempre o mesmo elemento expressa um mesmo sentido. Assim, por exemplo, em determinada celebração, um copo de água colocado sobre uma mesa pode evocar os mais diversos sentidos para as pessoas ali presentes. Quando símbolos são inseridos em determinados textos, como nos mitos, a dimensão polissêmica tende a ser reduzida a um determinado aspecto ou elemento.

## MITOS

Mitos são uma forma de linguagem privilegiada para a comunicação de elementos de conteúdo da experiência religiosa. A etimologia do termo é incerta, mas tende-se a vincular a palavra com a raiz grega *alethoumuthein*, com o sentido básico de comunicação de alguma lembrança, pensamento ou verdade (CROATTO, 2001, p. 182).

Para qualquer discussão sobre mito é necessário superar uma distinção no senso comum entre mito e realidade. Nesta diferenciação, mito costuma ser equiparado a 'ilusão', 'mentira'. Este é sentido que os dicionários costumam atribuir ao termo, expressando com isso um acordo típico do pensamento moderno de influência iluminista e racionalista de que o mito não se deixa enquadrar na realidade. Essa idéia sobre mito foi reforçada por vários pesquisadores, os quais



afirmavam que mito seria uma cosmovisão primitiva anterior ao pensamento científico, um elemento irracional, representações imaginativas de uma mentalidade pré-lógica (CROATTO, 2001, p. 183-8).

Esse tipo de concepção sobre o mito sofreu uma reviravolta na pesquisa, sobretudo na segunda metade do século XX. Assim, com pesquisadores como Erns Cassirer, Rafael Pettazzoni, Carl Gustav Jung, Mircea Eliade, Rudolf Otto e outros, procurou-se resgatar a lógica própria do pensamento mítico. Cassirer (*apud* CROATTO, 2001, p. 189), por exemplo, afirma que "mito é uma forma intelectual de apreensão do mundo, assim como a linguagem, a arte, a religião e a ciência". O mito tem sua lógica própria embora diferenciada do pensamento científico ou racional. Jung procurava definir a linguagem mítica como uma linguagem da alma, como expressões arquetípicas do inconsciente coletivo. A grande contribuição veio com as pesquisa de Eliade que em suas obras procurou destacar a estrutura 'primitiva' do espírito humano que não inventa os mitos, mas os vive. O verdadeiro, portanto, nos mitos não é o que eles contam, mas que o seu conteúdo é considerado vivo e verdadeiro pelas pessoas e comunidades que aceitam tal conteúdo como normativo e organizativo para sua existência. Mitos, portanto, são meios ou veículos para a transmissão efetiva de determinados conteúdos.

Assim, numa tentativa de definir o que seja mito, pode-se dizer: "mito é um relato de um acontecimento originário, no qual os Deuses agem e cuja finalidade é 'dar sentido' a uma realidade significativa" (CROATTO, 2001, p. 209). Assim, é preciso ficar claro com isso que um mito é um texto; pertence, portanto, à ordem literária e deve ser interpretado como um discurso. Um mito é narrado, escrito,

escutado, lido, mas sempre implica uma certa cadeia de acontecimentos, em que a função primordial cabe a determinados seres sobrenaturais que em algum momento primordial, instauraram certas práticas, costumes ou realidades vividas em uma determinada comunidade. Diferencia-se usualmente entre mitos cosmogônicos, que falam como, na visão de determinada cultura, o mundo surgiu e mitos civilizatórios, que narram a instauração de determinada práticas comunitária ou social. Tanto um quanto o outro tem a pretensão de instaurar determinada realidade. Convém, contudo, ressaltar que aquilo que é narrado no mito é um acontecimento imaginário, mas tal narrativa imaginária responde sempre a uma pergunta que o *homo religiosus* faz sobre o seu ser-no-mundo. "Não há mitos banais" (CROATTO, 2001, p. 219), mitos são uma forma literária pela qual se quer atribuir sentido a uma vivência ou realidade; mitos são, portanto, instauradores de sentido (obviamente para quem vive estes conteúdos ou sentidos como verdadeiros). As mitologias,

> *mais que as ciências e as filosofias, encerram, junto com as religiões, os grandes elucidamentos da essência humana. Aí as culturas projetaram, geração após geração, grandes visões, acumularam reflexões, fizeram aprofundamentos e os passaram a seus pósteros* (BOFF, 1999, p. 36).

Por intermédio de pesquisas antropológicas, descobriu-se e catalogou-se pelo mundo afora mais de duas centenas de mitos de origem do mundo. Há uma diversidade muito grande entre eles, mas verifica-se a coincidência de que todos querem contar como, na visão do grupo, o cosmo veio a existir. Tais mitos costumam iniciar com a indicação para um *illo tempore* que pode significar naquele tempo..., quando os céus ainda não se nomeavam..., no princípio.



De acordo com a cultura judaico-cristã há uma narrativa da origem do mundo registrada nos primeiros capítulos da Bíblia. Supõe-se que o texto de Gênesis 1 seja bem conhecido. Destaca-se fundamentalmente que o mundo veio a existir pela ação de um Deus-criador, celebrado pelo povo hebreu (e cristão) como o seu Deus. Ressalta-se também que este mundo foi feito em seis dias, sendo o sétimo dia dedicado ao descanso pela própria divindade. Pelo próprio relato em linguagem mítica pode-se deduzir alguns elementos instaurados. Assim, por exemplo, há uma prescrição de um ritmo de tempo: seis dias de trabalho e um sétimo dia de descanso. O próprio trabalho é instaurado como criação divina; deve-se, porém, trabalhar somente seis dias, reservando um dia para o descanso. Esse dado implica que, em princípio, qualquer sistema gerador de escravidão é negado. O texto de Gênesis também instaura o sentido de que o ser humano é imagem e semelhança de Deus e como tal é afirmado com as funções de "dominar e subjugar" o mundo criado (Gênesis 1,26-28) (REIMER, 2001, p. 751-760). Essa tarefa de domínio, aqui instaurada pelo relato mítico, é relativizada em um segundo mito da criação em Gn 2; o ser humano (*adam*) é feito da terra fértil (*adamah*) e sua função consiste basicamente em "cultivar e guardar" (Gn 2,15).

Da tradição grega nos vem um mito que é importante resgatar e incluir na formação do pensamento atual. Trata-se do Mito do Cuidado.

> *Certo dia, ao atravessar um rio, Cuidado (em latim: cura) viu um pedaço de barro. Logo teve uma idéia inesperada. Tomou um pouco*

*de barro e começou a dar-lhe forma. Enquanto contemplava o havia feito, apareceu Júpiter (ou Zeus).*
*Cuidado pediu-lhe que soprasse espírito nele, o que Júpiter fez de bom grado.*
*Quando, porém, Cuidado quis dar um nome à criatura que havia moldado, Júpiter o proibiu. Exigiu que fosse imposto o seu nome.*
*Enquanto Júpiter e Cuidado discutiam, surgiu, de repente, a Terra (latim: tellus). Também ela quis conferir o seu nome à criatura, pois fora feita de barro, material do corpo da Terra. Originou-se, então, uma discussão generalizada.*
*De comum acordo pediram a Saturno que funcionasse como árbitro. Este tomou a seguinte decisão, que pareceu justa:*
*– Você, Júpiter, deu-lhe o espírito; receberá, portanto, também de volta este espírito por ocasião da morte desta criatura. Você, Terra, deu-lhe o corpo; receberá, portanto, também de volta o seu corpo quando esta criatura morrer. Mas você, Cuidado, foi quem, por primeiro, moldou a criatura. Ela, pois, ficará sob seus cuidados enquanto ela viver. E uma vez que entre vocês há acalorada discussão acerca do nome, decido eu: esta criatura será chamada Homem (latim: homo), isto é feito de húmus (latim: humo), que significa 'terra fértil'* (BOFF, 1999, p. 46).

Esse mito, assim como o relato mítico de Gn 1, inaugura determinados sentidos. Será que um desses sentidos não consiste justamente em transmitir a mensagem de que desde a origem o ser humano deve ser um ser de cuidado, haja vista que foi moldado pelo próprio Cuidado?

## RITOS

Ao lado dos símbolos como a linguagem fundamental da experiência religiosa (imagem) e dos mitos como a expressão narrativa ou discursiva de elementos religiosos (palavra), os ritos constituem a linguagem 'gestual' da vivência religiosa. Simbolicamente, o rito imita algum gesto primordial referido à divindade ou coloca em prática determinados conteúdos narrados em um mito. Ao mito como palavra corresponde o rito como o gesto. Trata-se de uma ação de dramatização, em que uma vivência das origens é transformada em gestos.



Um rito sempre compreende um conjunto de ações gestuais. No rito da saudação, por exemplo, há sempre vários elementos em jogo: olhar, sorrir, dar a mão, dizer alguma palavra etc. Assim, um rito sempre é visual e socioespacial, isto é, um rito visualiza determinado conteúdo e sempre envolve uma ação humana dentro de um determinado espaço, em geral em um espaço considerado sagrado. Ritos são uma forma de imitação de coisas feitas ou ordenadas por uma divindade conforme determinados relatos (palavra).

No cristianismo, por exemplo, um dos ritos mais conhecidos é o rito do batismo. Em toda cerimônia ritual de batismo há uma dramatização de conteúdos fundantes desta prática. O aspecto fundamental no rito do batismo cristão é que ele deve ser feito em nome do Deus trino, Pai, Filho e Espírito Santo, tendo em vista a formação de discípulos e discípulos em todas as nações, porque assim foi ordenado pelo próprio Jesus em um texto fundante do cristianismo (Mt 28,16-20). O ritual do batismo sempre está associado à água. Neste caso está sendo relembrado o próprio batismo de Jesus por João Batista no rio Jordão (Mc 1,9-11). Assim, percebe-se que para a realização do rito podem ser combinados determinados elementos de relatos distintos. Na época de Jesus, a prática comum dever ter sido o batismo de pessoas adultas. Hoje, porém, há igrejas que batizam crianças. Neste caso, faz-se referência a uma palavra de Jesus em que crianças são aceitas na presença Dele: "Deixai vir a mim os pequeninos

[...]". De qualquer forma, todo rito de batismo cristão faz alguma referência a um texto fundante. Tais referências juntamente a práxis acabam conformando determinadas doutrinas nas religiões.

## DOUTRINAS

A experiência religiosa original necessita ser comunicada para poder ser. A comunicação, conforme vimos, toma forma em várias linguagens. O rito é a linguagem mais elementar; o mito condensa certas percepções em forma de textos; os ritos expressam as percepções fundamentais em linguagens gestuais. Nas religiões formam-se, contudo, conjuntos doutrinários que vão além destas linguagens referidas; assim falamos de doutrinas que influenciam e retroalimentam mais fortemente as vivências religiosas.

As doutrinas religiosas, em geral, são obras de grupos de seguidores de determinados líderes religiosos carismáticos que tiveram experiências hierofânicas fundamentais. Não se trata de simples comunicação de experiências, mas de uma sistematização lógica e elaborada de normas e diretrizes para a vivência comunitária ordenada em determinada expressão religiosa.

Um primeiro passo para a elaboração de doutrinas é a formulação de um corpo escriturístico que é entendido, afirmado e vivenciado como 'revelação', seja na linha de uma religião profética, seja na linha de religião mística. A dimensão desse corpo escriturístico pode variar de uma expressão religiosa para outra. No cristianismo a Bíblia tem essa função. Uma parte dessa Bíblia, isto é, o Antigo Testamento (ou Bíblia hebraica) é o corpo de textos revelados para o judaísmo. Para o islamismo, o Alcorão (ou Corão) desempenha essa função. Em outras religiões, como o Hinduísmo antigo, os *Vedas* funcionam como corpo escriturístico. Em tais textos estão as narrativas fundamentais que orientam a vida e a prática de fé numa determinada expressão religiosa.



Como se trata de textos, ainda que entendidos como revelados, as interpretações destes podem ser diversas. Afinal, todo texto, mesmo o sagrado, é constituído pelo fenômeno da polissemia, ou seja, um texto pode carregar vários sentidos dentro de si. Desde Orígenes até o cristianismo medieval era muito comum a afirmação de que o texto sagrado tem quatro sentidos: literal, alegórico, moral e escatológico. A história da Igreja cristã atesta uma disputa entre a chamada Escola de Alexandria, que privilegiava a alegoria e a Escola de Antioquia, que enfatizava a interpretação literal. No contexto da Reforma protestante, no século XVI, esse esquema interpretativo foi fortemente discutido, havendo entre os protestantes uma redução a dois sentidos, dando-se preferência ao sentido literal. Na Igreja Católica, o esquema dos vários sentidos continuou tendo ampla aceitação, ressaltando-se sempre o papel fundamental da tradição ou do magistério eclesiástico como a instância que zela para ficar resguardada uma sintonia entre a interpretação individual e o sentido oficial. Em outras tradições religiosas as diferenças nas interpretações também são conhecidas. No judaísmo da época de Jesus, por exemplo, havia os conflitos entre os fariseus e os saduceus, ou até mesmo entre grupos distintos de fariseus havia diferenças interpretatativas. No islamismo são significativas as diferenças entre os sunitas e o xiitas na intrepretação das prescrições do Alcorão.

As interpretações dos textos fundantes ou corpo escriturístico constituem, assim, tradições (orais ou escritas).

tradições tornam-se doutrinas normativas em relação a idéias, práticas, ritos etc. Dessas tradições derivam também determinadas formas de comportamento que constituem o comportamento moral ou ético de pessoas. Assim, por exemplo, para judeus ortodoxos, o hábito de não ingerir misturas de derivados de leite e carne é constitutivo de sua ética alimentar; ou para Testemunhas de Jeová, a negação em relação à transfusão de sangue constitui um traço de seu comportamento ético.

Vê-se, assim, que as doutrinas são ensinamentos ou conjuntos de ensinamentos deduzidos dos textos sagrados fundantes de determinada expressão religiosa. A própria palavra doutrina significa exatamente isso: deriva do verbo grego *dokeo*, que significa ensinar. Doutrinas podem ser cristalizadas em formas mais condensadas como credos; o credo apostólico ou o credo niceno-constantinopolitano são exemplos disso. Credos são confissões de fé surgidas em determinados momentos históricos e que são pontos firmes para a orientação naquela expressão de fé. Doutrinas também podem ser condensadas em dogmas; neste caso, já há um elemento mais consistente e mais autoritário. Dogmas, dependendo do credo religioso, não podem ser contestados; são formulados para serem aceitos em fé.

## Fundamentalismo, Ecumenismo e Diálogo Inter-religioso

Cada expressão religiosa vai organizando seu próprio caminho. Cada um dos elementos mencionados são constitutivos da maioria das religiões, desde o seu nascedouro até suas expressões atuais. Com o tempo podem variar as ênfases, mas os traços fundamentais permanecem. As religiões podem também assumir traços mais fundamentalistas ou um jeito mais ecumênico de se relacionar com outras expressões.



Quando falamos de fundamentalismo aplicado às religiões, isso significa basicamente uma postura de afirmação categórica daquilo que é considerado 'fundamental' numa respectiva tradição religiosa. No fundo, cada expressão religiosa necessita cultivar um pouco de fundamentalismo para afirmar e sedimentar aquilo que é próprio de sua identidade, e assim sobreviver, sem, contudo, fechar-se para as outras expressões. Isso seria um 'fundamentalismo feliz'. No entanto, percebe-se que, muitas vezes, expressões religiosas tendem a se fechar dentro de suas próprias verdades, rechaçando todo e qualquer questionamento que vem de fora.

Existem várias formas de fundamentalismo; este termo surgiu nos Estados Unidos no início do século XX, quando cristãos evangélicos publicaram uma obra chamada *The fundamentals*, na qual arrolavam os pontos fundamentais da fé cristã evangélica norte-americana ante os desafios do modernismo e do liberalismo. Um dos pontos principais desse escrito era a defesa da interpretação literal da Bíblia. Hoje o termo fundamentalista costuma ser aplicado para pessoas ou grupos religiosos, no caso cristãos, que praticam uma leitura concordista da Bíblia e defendem as suas verdades como inconstestáveis. O termo também é muito utilizado para se referir a grupos islâmicos, sobretudo os chamados xiitas, que fazem um leitura 'fundamentalista' do Alcorão. O importante é ter presente que o termo fundamentalismo expressa uma tendência de fechamento de acordo com as próprias convicções, afirmadas como verdades incontestáveis, que devem ser defendidas contra qualquer grupo ou tendência que levanta questionamentos.

Um outro jeito das religiões podem ser um caminho ecumênico. Ecumenismo é uma palavra que na origem grega do termo significa a convivência dos habitantes da mesma casa (*oikos*/eco = casa; *meneo* = habitar/viver). Durante muito tempo, o termo era utilizado para expressar a consciência da relação dos cristãos pelo mundo afora. As várias rupturas no cristianismo abalaram esse uso do termo. A partir da segunda metade do século XIX, o ecumenismo passou a designar os esforços no sentido de reconciliação entre os grupos cristãos divididos. Os inícios desses esforços estão situados no ambiente acadêmico-universitário, sobretudo na Inglaterra, onde líderes religiosos protestantes buscavam exercitar formas de diálogo entre estudantes universitários de diferentes tradições cristãs. Disso originou-se o chamado 'movimento ecumênico', isto é, um movimento no qual as pessoas engajadas em várias igrejas cristãs procuram colocar sinais de aproximação, de reconciliação e de comunhão, tendo por lema a palavra de Jesus Cristo: "para que todos sejam um" (Jo 17,21).

Em nível internacional, o movimento ecumênico tomou forma institucional no Conselho Mundial de Igrejas, com sede em Genebra, que congrega mais de trezentas diferentes igrejas. A Igreja Católica Romana não é membro pleno deste organismo ecumênico; participa das reuniões e das assembléias como observadora.

No Brasil, o ecumenismo é cultivado e fomentado no Conselho Nacional de Igrejas Cristãs (CONIC), com sede em Brasília. Desse órgão participam sete igrejas cristãs (luterana, anglicana, presbiteriana unida, metodista, ortodoxa siriana, cristã reformada e católica); diferentemente do movimento ecumênico internacional, a Igreja Católica participa como membro efetivo deste órgão ecumênico. Esse movimento ecumênico já conseguiu alguns avanços no sentido de sinais de unidade como o reconhecimento mútuo do batismo, formulações ecumênicas do Pai Nosso e do Credo Apostólico. Anualmente celebra-se também a Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos.



O Papa João Paulo II, na encíclina *Ut unum sint* (Para que todos sejam um) no parágrafo 29 define assim o ecumenismo:

> *o movimento a favor da unidade dos cristãos, não é só uma espécie de apêndice, que se vem juntar à atividade tradicional da Igreja. Pelo contrário, pertence organicamente à sua vida e sua ação, devendo permeá-la no seu todo* [...] (CONFERÊNCIA..., 1997, p. 43).

Em outra parte (parágrafo 22), o sumo pontífice expressa-se assim: "se os cristãos, apesar de suas divisões, souberem unir-se cada vez mais em oração comum ao redor de Cristo, crescerá sua consciência de como é reduzido o que os divide em comparação com aquilo que os une".

Além do ecumenismo como forma e sinal de aproximação de grupos cristãos, hoje um desafio maior é o diálogo inter-religioso. Trata-se de estabelecer formas de aproximação entre grupos e expressões religiosos muito além do cristianismo; trata-se de colocar em diálogo expressões religiosas mais diversas, no sentido de buscar uma afirmação da vida como desafio maior. Temas como a paz mundial, a superação de violências estão na agenda de reuniões no chamado movimento do diálogo inter-religioso. Não se trata de uma mistura geral das religiões para se obter uma religião homogênea, mas do cultivo da identidade e simultaneamente do cultivo da abertura para o diálogo e da definição de consensos mínimos para o estabelecimento de uma ética mundial. Aqui vale as palavras do alemão Hans Kung: "não haverá paz no mundo sem

paz entre as religiões" e "não haverá paz entre as religiões sem paz entre os líderes religiosos".

Referências


BARROS, Marcelo. *O sonho da paz*. Petrópolis: Vozes, 1996.

BOFF, Leonardo. *Saber cuidar*: ética do humano, compaixão da terra. Petrópolis: Vozes, 1999.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *O que é ecumenismo?* Uma ajuda para trabalhar a exigência do diálogo. São Paulo: Paulinas, 1997.

CROATTO, José Severino. *As linguagens da experiência religiosa*. Uma introdução à fenomenologia da religião. Tradução de Carlos M. Vásquez Gutierrez. São Paulo: Paulinas, 2001.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*: a essência das religiões. São Paulo: M. Fontes, 1995.

KÜNG, Hans. *Teologia a caminho*. Fundamentação para o diálogo ecumênico. São Paulo: Paulinas, 1999.

OTTO, Rudolf. *O Sagrado*. Um estudo do elemento não racional na idéia do divino e sua relação com o racional. São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1985.

REIMER, Haroldo. Em um princípio. Sobre a linguagem mítica em Gn 1,1-2,a, *Fragmentos de cultura*, Goiânia, v. 11, n. 5, p.743-764, 2001.

ROHDEN, Cleide Cristina Scarlatelli. *A camuflagem do sagrado e o mundo moderno à luz do pensamento de Mircea Eliade*. Porto Alegre: Edipucrs, 1998.

TEIXEIRA, Faustino (Org.). *O diálogo inter-religioso como afirmação da vida*. São Paulo: Paulinas, 1997.